

25X1

Next 1 Page(s) In Document Exempt

ANO I

S. PAULO
FEV/MAR.
1949

Nº 20

GUARARAPES

O VERDADEIRO PATRIOTISMO

A maior carnificina que a humanidade conhece foi a guerra de 1939-1945. Ela destruiu, só nos campos de batalha, 35 milhões de vidas humanas. Não se p~~as~~saran, no entanto, quatro anos e já um novo massacre infinitamente mais cruel, ameaça todos os povos. Na 2a. guerra mundial, os povos destruíram, com sacrificios inensos, o sonho de dominação mundial de Hitler e dos magnatas alemães. Hoje, quem prepara a nova guerra, quem busca dominar o mundo e colonizar os povos são os banqueiros de Wall Street, donos do governo do sr. Truman. Eles tentam arrastar-nos a uma guerra de incalculáveis sofrimentos: basta dizer que o cientista atômico ianque Oppenheimer se vangloria de poder "apertando apenas um botão, destruir 70 milhões de vidas humanas".

Generais, senadores, ministros, reis da imprensa como o Sr. Mac Cornick pregam a necessidade de guerra, "quanto antes melhor". Por que essa precipitação? Convém recordar, antes de tudo, que os períodos de guerra sempre foram as fases de maiores lucros para os magnatas norte-americanos. O lucro médio desses capitalistas passou de 5 bilhões de dólares em 1938, a 23 bilhões em 1943 e hoje atinge a 30 bilhões, com os preparativos atômicos. Por isso mesmo, a indústria de guerra ianque não se transformou, ainda em indústria de paz, mantém os ritmos do período de guerra e, assim, necessita de mercados cada vez mais amplos, por bem ou por mal. Mas fundamentalmente, o que apavora aos donos dos trustes, o que os impele às provocações guerreiras, é a aproximação de uma crise econômica muito pior que a de 1929. A guerra sempre foi uma saída que o capitalismo procurou a cada crise da sua história. Co-

locados ante a crise iminente, incapazes de evitar com suas medidas de emergência (plano Marshall, doutrina Truman), os magnatas ianques optaram pela guerra imediata. Daí o caráter político e guerreiro dos planos de colonização e missões no exterior (plano Marshall, Missão Widemeyer na China, Missão Alink, no Brasil) e os pactos de guerra, como o pacto do Hemisfério e o Pacto do Atlântico. Daí o assalto à mão armada contra os povos que não aceitam a colonização: Grécia, China, Viet-nam, Indonésia.

Convém lembrar isso porque, embora muito longe da Europa, o governo Dutra está amarrado de pés e mãos ao Pacto do Atlântico. Os pactos de Bogotá e de Petrópolis prevêm nossa ação militar em caso de agressão aos Estados Unidos e aos demais países americanos; e os Estados Unidos se sentiriam "agredidos" ante qualquer "agressão" aos países europeus ocidentais. Na verdade, os ianques preparam a agressão contra a União Soviética e os povos democráticos da Europa oriental, mas provam fazer crer que preparam apenas sua defesa. Estamos, assim, ameaçados de entrar em guerra em razão de um "acidente" forjado pelos provocadores de guerra em Berlim, na Noruega, na Groenlandia, na Macedônia e na China.

Para assegurar nossa participação nessa guerra, o governo de traidores do Sr. Dutra vem entregando o nosso país e nossas Forças Armadas. Estão aí as seções do exército americano dirigindo, controlando e fiscalizando, como patrões, nossas escolas, nossas unidades e nossos quartéis. Estão aí os quartéis americanos instalados no Brasil (recordar o caso do oficial ianque, Charpentier, diante da Justiça brasileira) como se fôssemos uma colônia ocupada por tropas da metrópole. Nosso armamento e nossa indústria de guerra são postos de lado em troca do material ianque e a padronização, através de aviões obsoletos, mata quase diariamente a jovens pilotos e mecânicos brasileiros. O Ministro da Guerra vai a Washington receber instruções, monta-se no Rio uma

Escola Superior Ianque de Guerra para nossos oficiais. Impõem-nos o material ianque, a técnica ianque, a organização ianque para fazer-nos servir como tropa de choque ianque, sob comandos ianques. Para completar o quadro, aí está o general Mark Clark a fim de converter nosso povo em carne de canhão, fazer ocupar pelos soldados do Ioliar nosso território e nossas bases militares, pôr sob controle ianque absoluto nossas Forças Armadas, arrastar-nos a uma guerra de conquista e agressão contra a URSS contra a independência dos povos e as consciências livres do mundo inteiro. E para sufocar a voz dos volta dos patriotas, aí estão também as leis do carrocho, como a lei de reforma dos militares.

Mas os oficiais, os sargentos e os soldados de Brasil não querem guerra. Querem viver em paz, querem um efetivo aumento de vencimentos, querem respeito aos seus direitos, querem estabilidade em sua profissão. Querem união e solidariedade entre os colegas e não o regime de espionagem, delações, desunião e intranquilidade com que nos ameaçam a leitura de reforma e a "lei de defesa do Estado". Nossos pilotos e mecânicos querem material novo bom para garantia de suas vidas. Queremos um Brasil independente, defendido por nossas Forças Armadas, e não sob ocupação de oficiais e de forças estrangeiras.

Mas não basta desejar a Paz. É preciso lutar por ela, dizer NÃO aos provocadores de guerra, aos tristes e militares ianques que aqui comandam, ao governo de traição, à ditadura americana de Dutra. Os planos de guerra estão ligados à política de fome e de terror do governo. Lutando contra a farsa do aumento de vencimentos, lutando contra a padronização de armamentos, lutando contra a ocupação do nosso solo por oficiais e tropas estrangeiras, contra a entrega do nosso petróleo e demais riquezas nacionais aos tristes, lutando contra as leis negras como a lei de reforma dos militares - estaremos lutando contra os preparativos de guerra em

nossa Pátria. Mostremos, pois, nossa oposição ao go-
verno e aos generais vende-Pátria e a seus patrões
ianques! Unamo-nos e organizemo-nos, sem distinção
de crença política ou religiosa, em defesa de nos-
sos direitos constitucionais ameaçados! Não permi-
tamos que a lei de reforma destrua os direitos ad-
quiridos de nenhum colega! Organizemos e execute-
mos a resistência de massas contra os vãos nos B-
25 e nos P-40, assassinos de nossos pilotos e mecâ-
nicos! Reforcemos nossa união e nossa luta por um
aumento real de vencimentos para a imensa maioria
dos militares! Boicotemos a Escola Superior Ianque
de Guerra, exijamos instrutores brasileiros para
nossos oficiais, sargentos e soldados! Lutemos con-
tra o Estatuto (ianque) do Petróleo, mostremos nos-
sa repulsa e nossa hostilidade aos oficiais "grin-
gos" que se comportam aqui, como donos "em sua ca-
sa". E ao lado de todo o povo, ao lado de nossas ir-
mãs, esposas ou noivas, ao lado de nossos filhos,
participemos da luta pela Paz! É possível, ainda,
preservá-la. Mas, se apesar dos esforços de todos
os patriotas, a guerra explodir, tenhamos a cora-
gem de ficar fiéis ao nosso Povo e à nossa Pátria.
Voltemos nossas armas contra os inimigos do povo.
Recusemo-nos a partir como carne de canhão, coman-
dados por oficiais estrangeiros, numa guerra dos
banqueiros americanos e que nada tem a ver com o in-
teresse nacional. Lutemos de armas na mão contra a
ocupação de nosso solo e de nossas bases militares
pelo estrangeiro. Ajudemos a luta dos demais patri-
otas por um governo popular, ligado ao interesse
brasileiro, e não aos interesses dos trustes e ban-
queiros dos Estados Unidos! Ser patriota, defender
nosso amado Brasil, não é obedecer ao estrangeiro,
servir de carne de canhão para os exploradores e co-
lonizadores do nosso povo: é ajudar nosso povo a
ser livre, expulsar de nossa Pátria o ocupante es-
trangeiro, é assegurar o respeito aos direitos ad-
quiridos por nossos compatriotas, é assegurar, ao

UM APÊLO AOS MILITARES DO 4º B.C. DA F.P.

"Somos irmãos e vivemos sob a mesma bandeira, soldado. Quando crianças, brincamos juntos. Na mocidade, tivemos os mesmos sonhos e pensamos a mesma coisa. Nossos filhos brincam com seus filhos.

O que há entre nós, soldado? Por que, na hora em que lutamos para dar um pouco de pão para nossos filhos, você deverá apontar-nos o fuzil e atirar? Amanhã, talvez, nos encontremos outra vez, soldado. Talvez tenha ouvido o nosso apêlo e abaixe a arma, aí, então, nós confraternizaremos e lutaremos contra o inimigo comum que são os carrascos os fomeadores e esse governo de traição nacional, vendido aos interesses norte-americanos.

Para o próximo encontro, soldado, ouve o nosso apêlo". (Transcrito do vibrante Semanário "UNIDADE" dos trabalhadores de Baurú.)

Vosso fraternal apêlo, camaradas ferroviários, vem nos ajudar na grande tarefa que temos, nós soldados da Força Pública, de levar nossos colegas a ainda não esclarecidos a compreenderem a política de traição nacional e esfomeamento do povo, da ditadura que nos governa sob as ordens do imperialismo ianque; o papel infame a que nos querem ar rastar, de massacradores da classe operária que luta para não morrer de fome.

Estão bem vivas a nossos olhos as ações degradantes que enodaram a nossa farda, no esmagamento pelo terror das greves da Cia. do Gaz em S. Paulo, da Votorantim em Sorocaba, da Mogiana em Campinas, como nessa dos ferroviários de Baurú.

Os lacaios dos diretores da Cia. Paulista, que atiraram contra os grevistas de Triagem, cujos nomes citamos: Tenente Benedito Neto, 3º Sargento Leovegildo Pereira de Souza, cabo Antonio Francisco Nascimento e os soldados Pedro Gardia Leal, Luiz Paixão da Silva e José Costa, não representam os sentimentos dos empregados milicianos da Força Pública.

Não podemos estar contra o operariado que, como nós, é parcela do povo brasileiro faminto e escravizado que luta para que seus filhos não morram à míngua.

Sofremos a mesma miséria recebendo ordenados de Cr\$ 800,00; a nossa luta é a mesma de todo o povo. As vitórias da classe operária contra os patrões que a exploram, são vitórias nossas também. Suas derrotas, são também nossas derrotas. Como então servir ao torpe papel de fura-greves ou chacinadores de indefesos grevistas? Só a inconsciência dos mais sagrados princípios de solidariedade, de liberdade, e de patriotismo pode levar um miliciano a servir de carrasco da classe operária.

Unamo-nos em torno de nossas reivindicações imediatas, como a volta do abono (roubado a nós desde Janeiro), a equiparação de nossos vencimentos à tabela da Polícia Militar do D. Federal, a melhoria de boia, o aumento das etapas nas viagens de serviço, e tantas outras reclamadas diariamente nos quartéis. Levaremos, assim, a massa de nossos colegas a compreender, na prática, a justiça das greves operárias e o laço que nos une na luta contra os nossos inimigos. Organizemo-nos e combatemos toda a hesitação ou timidez que possam existir em nosso meio ao recebermos uma ordem arbitrária e infame como a dada pelo Tenente Benedito ao mandar atirar sobre os grevistas.

Prendamos os chefes que, sem apêlo em lei alguma, pretendam nos tornar assassinos dando ordens arbitrárias e enfrentemos corajosamente os comandos reaccionários que nos queiram castigar disciplinarmente; só assim seremos dignos do nosso povo e da nossa Pátria. O covarde que não tenha a coragem de enfrentar uma ordem fascista de um superior a serviço dos tubarões exploradores ligados ao imperialismo, Ianque, dispa a nossa farda mas não a envergonhe. Façamos do esclarecimento e da união entre os colegas, a nossa luta de todos os dias e mostre-

em que a reação pretender nos utilizar como algo-
zes do povo. E a vós, heróis de Triagen, que sou-
bestes enfrentar de frente erguida, num dignifican-
te exemplo de luta àqueles bandoleiros, vergonha de
nossa farda, prometemos tudo envidar, organizando e
esclarecendo os colegas, para que cumpram o apêlo
vigoroso dos grevistas de Triagen.

VENCIMENTOS DOBRADOS, E NÃO, TRABALHO DOBRADO

Perdura ainda nossa situação miserável devida
aos baixos vencimentos que percebemos e agora agra-
vada com o corte do insignificante abono concedido
no ano findo e suspenso a partir de janeiro.

O custo da vida sobe em velocidade de foguete, e
o falado aumento de vencimentos, "neca". Quando se
fazia meio expediente, a turma tinha tempo para car-
regar pedras enquanto descansava, ficando uma "defe-
sa". Agora a situação piorou, porque com os serviços
dobrados estamos condenados a maiores privações.

O boletim geral nº 22-ão 29/1/49, além de preve-
nir que o serviço vai ser intensificando, recomenda
aos oficiais e praças, "para que evitem aceitar com-
promissos" (funções particulares). Perguntamos ao
Cel. Ferlich se, por acaso, fazemos os "bicos" por di-
letantismo? Seria possível manter nossos filhos com
essa migalha de vencimentos que nos paga a Força,
sem recorrer àquele recurso?

Diz ainda o citado Boletim, "estão sendo pleite-
ados meios indispensáveis junto aos poderes compe-
tentes, de modo que as condições de vida dos compo-
nentes da corporação, possam enquadrar-se no siste-
ma focalizado (intensificação do trabalho)".

Isso, colegas, é mais uma promessa, mais uma ta-
peação.

Quais os meios indispensáveis de que falam es-
ses senhores? Naturalmente o aumento de qualquer
imposto que recaia sobre o povo, já esmagado pela fo-
me. É como se costuma dizer: com uma mão nos paga
e com a outra nos tira do bolso o último vintém.

Não, essa situação não pode perdurar.

Deverá ser resolvida.

Approved For Release 2005/02/17 : CIA-RDP83-00415R003100090005-2

o exemplo da classe operária, lutar por todos os meios por um aumento de 100%, enviando à Assembléia memoriais, telegramas, assistindo em massa aos debates sobre o aumento, para melhor conhecer nossos inimigos e arrancar desse Legislativo desmoralizado o aumento de que necessitamos.

FARDAMENTOS NOVOS E VENCIMENTOS ANTIGOS

Embora continuemos a receber o mesmo ordenado de fome, agravado com a suspensão do abono de 200 e 300 cr. para as praças da capital e interior, temos agora que arcar com uma nova despesa, - trata-se do novo plano de uniformes para a F. Pública.

25X1

Esses novos uniformes, embora, formalmente, devam ser confeccionados pelo almoxarifado, resultam na prática num crescimento de despesas para oficiais, sargentos e soldados, pois a péssima confecção do almox. e o atraso propositado, com que são atendidos os interessados, obriga muitos à utilização de alfaiatarias particulares, pagando de seu próprio bolso. Para obrigar os sargentos a se apresentarem com o novo uniforme, o Cmdo. Geral os proibiu de atravessarem o centro da cidade com a farda de brim.

Colegas, não nos deixemos iludir com estes discursos com que tentam enganar nossa miséria. Precisamos é ferrar nossos estômagos e o de nossas famílias, educar nossos filhos, o que não se paga com fardamentos vistosos. Fardamentos com os quais pretendem nos dar a impressão de que somos melhores do que os operários e camponeses, donde proviemos, e agradar a vista dos generais tanques seus patrões.

Nossa questão, porém, é o aumento de 100% nos vencimentos. Nessa luta devemos empregar todos os nossos esforços pela união e ação decidida de todos os milicianos. Só assim melhoraremos nossa situação.

Quanto ao mais, não nos interessa agradar os "gringos", fazendo em nossa própria terra as vezes de tropa colonial "colorida". Estamos dispostos a recebê-los, como Floriano, A Bala!, se aqui dessem barcarem para que se convençam de uma vez por todas, de que ESTA TERRA TEM DONO!

lado do povo, com apoio nas forças armadas, e outros
gues efetivamente a patriotas brasileiros, a satis-
fação das reivindicações de nosso povo, nosso pro-
gresso e a soberania nacional.

Só assim teremos o dispositivo constitucional
que, desde a Carta de 1891, proíbe a participação
do Brasil em guerras de agressão, consagrador de nos-
sas melhores tradições pacifistas - tão bem in-
terpretadas por Rio Branco - de submettermos a ar-
bitramento nossas questões internacionais de limi-
tes e fixação de fronteiras.

x x x x x

(cont. da pg. 12) quarteis, com espiões, fardados e
peisanos, e que vai desde capelães até prostitutas.
A liberdade de pensamento garantida pela letra da
Constituição de 46, será levada em conta sob o ân-
gulo dos interesses do "colosso norte-americano";
fora disso, será "extremismo" e como tal punido. Os
direitos de patente serão considerados direitos en-
quanto interessarem aos agentes de Truman, do con-
trário, qualquer oficial ou praça poderá se sumaria-
mente expulso por um "conselho de justificação" com-
posto por homens que tiveram um aumento de Cr\$....
12.000,00.

Muitos colegas poderão dar de ombros e dizer: "a
mim não importa, essa lei não me atinge". Sim, hoje
ela não atinge aquele que ainda não compreendeu as
manobras colonizadoras do imperialismo ianque e os
preparativos para nos arrastar como "carne de ca-
nhão" à guerra que os banqueiros de Wall Street pre-
param como um meio de sobreviver à crise econômica
em que já começam a se atolar. É verdade. Mas ama-
nhã, quando compreenderem, só lhes restarão dois ca-
minhos: ou protestar e lutar junto com todo o povo
pela soberania da Pátria ou se sujeitar à suprema
humilhação de mercenário a serviço da ditadura e
do estrangeiro contra os verdadeiros interesses de
nossa Pátria, traindo assim as mais puras tradições
da farda de Tiradentes e seguindo o infame exemplo
dos Silverio dos Reis e Calabar.

Não. Não pode haver indiferentes a essa "lei" negra, de intimidação, corrupção e terror. Procuremos esclarecer por todos os modos os nossos colegas do seu verdadeiro significado, do perigo que a soberania nacional atravessa, da traição inominável desse governo que aí está e desmascaremos aqueles que estão a serviço do imperialismo ianque para nos escravizar como povo colonial e nos levar a reboque das suas aventuras guerreiras.

Organizemo-nos dentro dos quartéis e façamos frente a toda ingerência ianque. Não deixemos que se crie um ambiente de desconfiança em nosso meio pela delação e espionagem. Desmascaremos publicamente qualquer intento dos comandos em colher informações sobre nossos colegas. Desmoralizemos a "lei" negra, comentando com coragem e patriotismo todos os atos do imperialismo ianque contrários ao interesse nacional e não nos deixemos intimidar com memorandos ou reservados que pretendam nos "aconselhar" ou "ordenar" sobre qual deve ser a nossa conduta de patriota.

Sejamos dignos de Tiradentes, Benjamin Constant, Floriano, Siqueira e dos heróis da FEB mantendo uma posição intransigente em defesa da soberania nacional e, unidos, não permitamos que seja levada à prática essa imunda "lei" de delação e suborno feita pelos agentes do imperialismo americano.

PROGRAMAS DE INSTRUÇÃO "PADRONIZADOS"!!!

Mais uma humilhação nos impõem os "comandantes" americanos infiltrados no Alto Comando de nossas Forças Armadas, sobretudo nos mais elevados Estados-Maiores (Geral, do Ex. da Aer. e da Mar.) e Escolas (ESG., EEMac, EAO, EIE, etc.).

Impingindo aos Gens. Cnts. Região e aos seus E.M. a pecha de incapazes de redigir os programas de instrução para as forças sob seu comando, determinaram os "gringos", por meio de nosso servil EME, que fosse suspensa neste ano a organização das Diretrizes e Programas de Instrução nas Regiões Militares, pois receberiam programas "padronizados", "made in Ferts

Benning, Knox, Belvoir e ... no 18º andar do M.R., onde está instalado o Fort Quisling, "preparador de carne brasileira para canhão". Com isso, reduzem os nossos quadros, desde Gens. Cmts. Região, a meros aplicadores dos "figurinos". Na guerra caberia aos "gringos" a parte intelectual, pois se limitariam a "descer" até os E.M. e Cmdos. de Regimentos nativos deixando a "honra" de integrarem as patrulhas, os Pels., Cias, e Btls. das forças de agressão destinadas aos contactos com o "inimigo", aos "indígenas" brasileiros. Legítima carne para canhão, necessitando por isso mesmo de pouco desenvolvimento intelectual, pelo que lhes bastaria, na fase de preparação, "aplicar" os programas e manuais ianques. Mesmo porque, não querem ajudar - mas ao contrário impedir - a capacitação dos povos destinados a contribuírem com as vidas de seus filhos em benefício dos lucros dos magnatas de Wall Street. Assim será mais fácil arrastá-los à "defesa da democracia ocidental", nome que dão à agressão a povos livres e pacíficos. Além do mais, essa medida que nega nossos direitos de povo soberano, interferindo no próprio preparo direto das nossas forças de defesa, vem desorganizar todo o trabalho nas R. M., pois falta menos de um mês para o início da instrução e os tais programas "padronizados" não foram distribuídos. Isso, com a agravante de que todos os demais escalões subordinados por eles esperam. E será que virão em inglês, forçando-nos à humilhação suprema de ter que traduzi-los?

Não! Não nos submeteremos a tanta humilhação! Organizemos programas brasileiros, paralelos, e boicotemos os "padronizados". Não nos prestaremos para integrar tropa sob comando ianque! Não participaremos de guerras de agressão a povos pacíficos! Se Wall Street quer maiores lucros, não conte com os brasileiros para morrerem em benefício de suas vendas de armamento! Não nos esqueçamos da guerra do Chaco!...

Defenderemos, sim, de armas na mão, se necessário, a paz de que o Brasil necessita para progredir!

O governo de traição nacional de Dutra, para ne-
lhor servir aos seus patrões de Wall Street nos si-
nistros desígnios de transformar nossa Pátria numa
colônia ianque e em base militar para as aventuras
guerreiras do imperialismo americano, pretende esma-
gar o patriotismo do nosso povo com "leis" de inti-
midação e de terror. Não é outro o objetivo das
"leis" de "segurança", "Imprensa" e "reforma dos mi-
litares". Elas representam o desespero da ditadura
e da camarilha de políticos e generais que se com-
prometeram a entregar nosso país a seus amos impe-
rialistas e se sentem impotentes para sufocar os
gritos de revolta que soam de todos os lados, das
fábricas e fazendas, às escolas e aos quarteis.

Os protestos contra as missões colonizadoras dos
abbinks e rockfellers, contra as missões militares
como a dêsse Mark Clark que tenta acobertar-se com
o glorioso nome da FEB, contra a entrega do nosso
petróleo à Standard Oil, contra a canalização dos
nossos minérios estratégicos pela United Steel, en-
fim os protestos que se multiplicam contra a inge-
rência ianque na vida política, econômica e mili-
tar da Nação, enchem de pânico a Dutra e seus com-
parças, os quais pensam sufocar os anseios de li-
bertação nacional com "leis" de sangue e de terror.

Eles vêm nas gloriosas tradições democráticas e
patrióticas das nossas Forças Armadas - que mais
uma vez se confirmam nas centenas de militares que
ao lado do povo lutam pela nacionalização do nosso
petróleo e contra a colonização da nossa Pátria -
um sério obstáculo para cumprirem as ordens que re-
cebem de Washington; daí, a pressa com que a dita-
dura procura imprimir ao castrado e servil legisla-
tivo a aprovação da "lei" de "reforma dos milita-
res" feita nos Gabinetes da "Missão Militar Mista
Brasil-Estados Unidos". Aprovada essa "lei" estare-
mos todos os militares a mercê dos agentes do impe-
rialismo ianque já infiltrados nos postos - chaves
das nossas Forças Armadas e do seu serviço de espí-
onagem que mantêm dentro e fora dos (centros de o-
peração)